

Discurso do Prof. Paulo Marchiori Buss, por ocasião da sua investidura
como Doutor Honoris Causa da Universidade Nova de Lisboa

Lisboa, 18 de Janeiro de 2011

Senhor Prof. Dr. António Manuel Bensabat Rendas, Reitor da
Universidade Nova de Lisboa;

Querida amiga Dra. Ana Jorge, Ministra de Estado da Saúde da
República Portuguesa;

Senhor Embaixador do Brasil em Portugal, Embaixador Mario Vilalva;
Senhor Embaixador do Brasil junto à CPLP, Embaixador Pedro Motta
Pinto Coelho;

Senhor Secretario Executivo da CPLP, Eng. Domingos Simões Pereira

Querido amigo Professor Paulo Ferrinho, Diretor do Instituto de
Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa;

Querido Padrinho, Prof. Gilles Dussault;

Querida amiga Regina Ungerer, do Programa e-português da
Organização Mundial da Saúde;

Sra. Profa. Salwa Castelo-Branco, a quem agradeço as palavras
carinhosas com que me anunciou;

Demais autoridades políticas e universitárias aqui presentes;

Queridos amigos e amigas;

Senhoras e senhores:

Minhas palavras iniciais são do mais sincero e emocionado
agradecimento pela honra que me concede a Universidade Nova de
Lisboa ao me conferir o título de Doutor Honoris Causa. É um orgulho
ser lembrado por esta jovem Universidade que lidera as Universidades

portuguesas – de tantas tradições nos contextos europeu e mundial, desde que a primeira Universidade portuguesa foi fundada em 1289 – a primeira universidade portuguesa, repito, no ranking universitário QS Top World Universities 2010. De Campolide – ao que sei, uma das sete colinas de Lisboa – e Caparica, mais do que uma instituição lisboeta ou portuguesa, a NOVA vem se transformando numa universidade aberta ao mundo e interveniente nos grandes desafios do Século XXI, com sua investigação competitiva no plano internacional e seu ensino de excelência em diversos campos do conhecimento humano. Por tudo isto, orgulha-me ingressar na NOVA pela porta do Doutorado Honoris Causa.

Encanta-me ter sido colocado ao lado de grandes nomes da cena mundial que foram agraciados com o título de Doutor desta Universidade, como: Kofi Annan, o ganhador que liderou nas Nações Unidas uma das mais belas iniciativas contemporâneas em prol da pobreza e da exclusão, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, originados na Cúpula do ano 2000; a primeira ministra irlandesa Mary Robinson, campeã mundial dos direitos humanos; o bioquímico e geneticista francês François Jacob, do instituto-irmão da Fiocruz em solo francês, o Instituto Pasteur, que com Monod e Lwoff ganhou o Nobel de Fisiologia de 1965; o Prêmio Nobel James Tobin, corajoso economista americano que desde a década de 70 alerta para os perigos do capital financeiro especulativo, ao qual propunha domar com a Tobin Tax; o anatomista brasileiro das Minas Gerais e de São Paulo, Liberato Didio, cujo livro semeou meus primeiros sonhos como estudante de Medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, onde me formei em

1972; e o inesquecível Maestro Antonio Carlos Jobim, glória da música brasileira, que esta Universidade soube tão oportuna e justamente homenagear.

Também me honra muito compartilhar esta noite de alegria com o prof. Zahir Hawass, eminente arqueólogo egípcio, especialista na maravilhosa história de seu país, que o mundo todo reverencia, pelas impressionantes contribuições à reconstrução da trajetória da nossa humanidade.

Podem imaginar todos vocês, meus amigos, a imerecida honra de ingressar agora nesta seleta galeria de personalidades da Universidade Nova de Lisboa?

Ademais, orgulha-me e emociona-me ter sido lembrado pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical, que integra esta Universidade, o Instituto de tantas glórias e contribuições à saúde do mundo da lusitanidade, desde 1902, quando foi criado por Carta de Lei do Rei Dom Carlos, apenas dois anos depois do Instituto Oswaldo Cruz, o IHMT dos meus amigos Paulo Ferrinho, atual diretor, Jorge Torgal, ex-diretor, hoje presidente do INFARMED, do meu padrinho e amigo Gilles Dussault, e de tantos outros amigos e amigas, entre os quais minha querida ex-aluna e, nos anos 80, minha vice-diretora na Escola Nacional de Saude Publica do Brasil, Zulmira Hartz, hoje vice-diretora do Instituto.

Tudo isto soma-se ao grande amor que eu, neto de italianos e alemães, chegados ao Sul do Brasil no final do século XIX, nutro por este Portugal amoroso, do fado de Amália, da poesia de Pessoa e Foberla Espanca, da prosa de Camões e Saramago, dos navegadores que da Torre de Belém, no eterno Tejo, se lançaram ao

mundo, dos homens e mulheres inteligentes e criativos, dos vinhos da generosa terra ibérica, dos queijos da serra, dos doces conventuais e dos azeites das oliveiras centenárias. Portugal que me emociona desde que aqui pisei pela primeira vez, muitos anos atrás, guiado pelas mãos, pelo entusiasmo e pelo imenso coração de Antonio Lobato de Farias, então diretor da Escola Nacional de Saúde Pública de Portugal.

Desde então, minha vida acadêmica está entremeada com instituições e colegas portugueses. Quando diretor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, nos anos 80, estabelecemos uma profícua cooperação com nossa homônima portuguesa, hoje também uma Unidade Orgânica da NOVA.

As necessidades do mundo da lusitanidade aproximaram-me do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, eu já então presidente da Fundação Oswaldo Cruz. Com Torgal, a época diretor do IHMT, e o Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge, realizamos a primeira reunião de Institutos Nacionais de Saúde da CPLP, aqui em Lisboa.

Como membro da Academia Nacional de Medicina do Brasil e presidente da Fiocruz, aproximei-as, com colegas portugueses como Maria do Céu Machado e Paulo Ferrinho, do Ministério da Saúde de Portugal, do IHMT e da Academia Portuguesa de Medicina – da qual com imensa honra sou membro honorário – e, juntos, realizamos um evento seminal sobre saúde na colônia e hoje, para comemorar os 200 anos da deslocação da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, fato que abriu o Brasil ao mundo e definitivamente implantou a lusitanidade nas Américas.

Depois disto, desenvolvemos junto com a liderança da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a nossa CPLP, uma importante iniciativa compartilhada pela constelação de países de língua portuguesa, o Plano Estratégico de Cooperação em Saúde, processo em que se destacaram – e os menciono com o receio de inevitáveis omissões de pessoas – os Ministros Ana Jorge e Temporão, assim como os demais Ministros da Saúde dos países integrantes da CPLP, os Embaixadores Luis Fonseca e Lauro Moreira, o Engenheiro Domingos Simões Pereira, atual Secretário Executivo da CPLP, Maria do Céu Machado, Paulo Ferrinho, Deolinda Cruz, Felix Rosenberg e Manuel Lapão.

As profundas iniquidades sociais e em saúde, vigentes nestas décadas que cercam a virada do milênio, também acometem nossos países e, particularmente, os países africanos de língua portuguesa e o nosso geográfica, mas não emocionalmente, distante Timor Leste. Juntos, Brasil, Portugal, o Timor e os PALOP decidiram que era hora de compartilhar experiências e recursos para enfrentar os determinantes sociais da saúde e reforçar os sistemas de saúde e de proteção social dos nossos países.

Assim, guiados pelo mencionado Plano Estratégico, estamos implementando na CPLP um dos mais belos exemplos de cooperação sul-sul, preparando recursos humanos, construindo redes institucionais estruturantes para os sistemas de saúde dos nossos países – como as Redes de Institutos Nacionais de Saúde, de Escolas de Saúde Pública e de Governo em Saúde e de Escolas Técnicas – assim como, desenvolvendo conceitos e métodos e, mesmo, construindo estruturas físicas. Enfrentamos doenças e problemas de

saúde prevalentes, nos unimos para enfrentar as situações de emergências e desastres, e procuramos atuar harmonizadamente no plano internacional da saúde. Tudo isto com o compartilhamento de recursos financeiros e humanos e competências técnicas, no melhor espírito de solidariedade e amizade, unidos por nosso único e belo idioma. Ao falar sobre o português devo mencionar o extraordinário labor de organização e divulgação de trabalhos técnico-científico em saúde no nosso idioma, que vem sendo realizado pela OMS, na pessoa da dra. Regina Ungerer, aqui presente, que dirige o programa e-portugues daquela organização.

Ademais da cooperação sul-sul no contexto multilateral da CPLP, tampouco posso deixar de mencionar a ativa cooperação bilateral da FIOCRUZ, minha instituição, com Portugal e os PALOP. Com a NOVA, o IHMT, o Instituto Ricardo Jorge e outros Institutos e Universidades portuguesas estamos intensificando os intercâmbios de pesquisadores, professores e estudantes de pós-graduação, a realização conjunta de projetos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico em medicina e saúde pública, assim como publicações bilaterais.

Com os PALOP, a Fiocruz tem contribuído com programas de mestrado, doutorado e especializações, realizados nos próprios países africanos, caso de Moçambique e Angola e, mais recentemente, desenvolvemos planos similares com Cabo Verde e Guiné Bissau. A FIOCRUZ colabora com importantes recursos financeiros e técnicos para a implantação de uma fábrica de medicamentos anti-retrovirais e outros genéricos em Moçambique. FIOCRUZ e IHMT estão planejando a implementação conjunta do primeiro doutorado interinstitucional para

os países africanos de língua portuguesa, o que certamente marcará uma nova fase no conceito e na prática da cooperação sul-sul.

E o que chamo de “cooperação estruturante em saúde”, porque deixa resultados permanentes e sustentáveis, ao ajudar estruturar instituições e preparar seus dirigentes e pessoal técnico-científico.

A NOVA e a Fiocruz, estão portanto irmanadas neste belo projeto de cooperação sul-sul. A cultura da NOVA a lança não apenas para a Europa, mas também para a África e as Américas. Não poderia ser diferente neste mundo globalizado.

Mundo que lamentavelmente vê-se jogado pela especulação do capital financeiro apátrido e irresponsável numa crise sem precedentes, que roubou lares, empregos e sonhos de milhares de famílias por todo mundo, que aumentou as iniquidades sociais e sanitárias e que ameaça subtrair dos jovens a esperança de um mundo melhor. A saúde vê-se ameaçada de retrocesso: o aumento da mortalidade materna e na infância, a re-emergência de doenças infecciosas e parasitárias, a crise alimentar e a manutenção da fome e da desnutrição e as conseqüências do câmbio climático sobre o ambiente e a saúde humana – como se verificou nesta semana com a tragédia das inundações e deslizamentos de terra no Rio de Janeiro, que nos roubou mais de 800 preciosas vidas de brasileiros – são flagelos persistentes, que se aprofundam nestes tempos de crise global.

Minha participação como representante do Brasil no Comitê Executivo da Organização Mundial da Saúde tem sido marcada pela incessante luta em defesa da saúde e da vida, procurando enfrentar estes problemas com soluções que mobilizem as políticas econômicas

e sociais em prol da saúde e da qualidade de vida, com eqüidade e justiça social. Com muitos outros atores, estou comprometido com a reforma da arquitetura e da governança da saúde global, reforçando o multi-lateralismo sadio, democratizando o sistema de poder e dando-lhe mais transparência e eficiência.

Quero ainda compartilhar com vocês os novos projetos com os quais hoje estou envolvido. Trata-se, no plano global, da realização, no Rio de Janeiro, em outubro deste ano, da Conferencia Mundial sobre Determinantes Sociais da Saúde, em cooperação com a OMS, evento no qual reuniremos dirigentes públicos de diversos setores e representantes da sociedade civil de todos os países do mundo para estabelecer uma estratégia e um plano global por meio do qual possamos enfrentar e resolver o flagelo das iniquidades sociais e sanitárias vigentes.

De outro lado, estou engajado na construção de uma nova entidade, o Instituto Sul-americano de Governo em Saúde, integrante da União Sul-americana de Nações, por meio da qual pretendemos formar os dirigentes públicos do mais alto nível dos sistemas de saúde dos doze países sul-americanos.

Espero poder contar com a NOVA em ambas iniciativas.

Muito poderia ainda ser dito, mas não vejo necessidade de alongar muito mais minhas palavras. Eu já as disse eloquentemente em inúmeros papers acadêmicos e livros. Faço apenas uma profissão final de fé na ação dos homens e as mulheres de bem aqui reunidos, que hão de reagir a esta crise sistêmica e global do capitalismo, reforçando os laços de amizade e solidariedade entre povos, Estados

nacionais e indivíduos, como sonhamos realizar no mundo da lusitanidade.

Como diz o maestro e compositor brasileiro Antonio Carlos Jobim, também doutor honoris causa desta Universidade, na sua bela canção 'Wave', "é impossível ser feliz sózinho"; então, ao finalizar, gostaria de poder realizar o impossível desejo de abraçar pessoalmente a cada membro da NOVA, a cada um dos seus mais de 18 mil alunos, 1.100 docentes e 750 funcionários pois, à partir de hoje, com muito orgulho, emoção e felicidade, sou um de vocês!

Muito obrigado!